

**AVALIAÇÃO DA TOXICIDADE AGUDA MÉTODO DE CLASSES DO EXTRATO
ETANÓLICO DE *RUDGEA VIBURNOIDES* (CHAM.) BENTH.,
(RUBIACEAE)**

PUCCI, Liuba Laxor¹; **SANTOS**, Alexandre Pereira¹; **CUNHA**, Luiz Carlos²;
VALADARES, Marize Campos²; **PAULA**, Joelma Abadia Marciano³; **PAULA**, José
Realino²

Palavras-chave: Congonha de bugre, toxicidade aguda, ratos

1. INTRODUÇÃO (justificativa e objetivos)

A *Rudgea viburnoides*, denominada popularmente de congonha de bugre, congonha ou bugre é uma planta do cerrado muito encontrada em Goiás. O infuso das folhas é empregado na medicina popular, na forma de chá, (FERRI, 1996), e utilizada na como diurético, hipotensora, anti-reumática e depurativa do sangue. (BALBACH, 1980; SIQUEIRA, 1981)

Esta espécie vem sendo comercializada como porangaba e utilizada em regimes de emagrecimento. (BRANDÃO, 2004)

As características morfológicas estão entre altura de 4-5 m, dotada de copa globosa densa, com ramos novos denso-tomentosos. Tronco curto e tortuoso, de 15-25 cm de diâmetro, com casca espessa, mais ou menos suberosa e fissurada superficialmente. Folhas simples, opostas, curto-pecioladas, grossas e rugosas, discolores, glabras na face superior e fusco-tomentosas com nervuras salientes na face inferior, de 9-17 cm de comprimento por 3-8 cm de largura. Inflorescências em panículas terminais e nas axilas da extremidade dos ramos, com flores de cor branca muito perfumada. Fruto drupa ovóide, de cor vermelho-escura ou preta quando maduro, com polpa carnosa e contendo uma única semente. Floresce em mais de uma época do ano, porém predominando durante os meses de agosto-setembro. Os frutos amadurecem predominantemente em junho-julho. (LORENZI e MATOS, 2002) (Figura 1)

Tendo em vista a escassez de estudos que avaliem os possíveis riscos do emprego das folhas de *R. viburnoides*, este trabalho teve como objetivo Avaliar a toxicidade aguda oral do extrato etanólico bruto das folhas *R. viburnoides* .



Figura 1 – Aspecto geral da espécie *R. viburnoides* na região da Serrinha – GO

2. METODOLOGIA

2.1 – Material Botânico.

As folhas da espécie vegetal foram coletadas no município de Serrinha – GO. A espécie foi identificada pelo Prof. Dr. José Realino de Paula e a exsicata encontra-se depositada no Herbário da Universidade Federal de Goiás.

2.2 – Obtenção do Extrato Etanólico Bruto.

As folhas foram dessecadas em estufa com ventilação forçada à temperatura de 40°C e trituradas em moinho de facas. O pó obtido foi submetido à maceração a frio por 3 dias em etanol 95% na proporção 1:5. O macerado foi filtrado e concentrado em evaporador rotatório na temperatura de 40°C, o resíduo foi extraído por mais 3 vezes de maneira análoga à primeira para obtenção do extrato etanólico concentrado (FERRI, 1996).

2.3 – Toxicidade Oral Aguda.

Para a avaliação da toxicidade oral aguda foi utilizado o Método de Classes – Guideline 423 (OECD, 1996). Para tanto foram utilizados 3 ratos machos de peso médio igual a 200g. Esses animais foram aclimatados por 5 dias às condições do laboratório antes do início dos testes. O extrato etanólico bruto foi diluído em solução fisiológica qsp e administrado por via oral (gavage) na dosagem de 2000 mg/Kg e 5000 mg/Kg (1,0 mL/animal). Foram avaliados todos os parâmetros descritos no screening Hipocrático em intervalos de 30 minutos nas primeiras 4 horas, em intervalos de 1 hora até a 12ª hora, na 24ª hora e uma vez ao dia por 13 dias. No 14º dia foi realizada a necropsia para avaliação macroscópica dos órgãos internos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas dosagens de 2000 mg/Kg e 5000 mg/Kg não foram observados sinais clínicos de toxicidade imediatamente após a administração do extrato ou durante o período de observação. Não foram observadas alterações consideráveis na ingestão de água e comida. Não foram registradas mortes imediatamente após a administração do extrato ou durante o período de observação. No que se refere aos órgãos internos, nas dosagens de 2000 mg/Kg e 5000 mg/Kg não foram observadas quaisquer alterações macroscópicas no 14º dia. Estes achados sugerem uma baixa toxicidade do extrato etanólico das folhas de *R. viburnoides*.

4. CONCLUSÃO

As doses de 2000 mg/Kg e 5000 mg/Kg de extrato etanólico bruto das folhas de *R. viburnoides* foram incapazes de provocar efeitos tóxicos agudos ou mortalidade nos animais, o que pode indicar uma baixa toxicidade desse extrato. A fim de proporcionar uma quantidade maior de evidências que confirmem estes achados podem ser realizados estudos envolvendo outras espécies de animais, tais como camundongos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, M. G. *Plantas medicinais e fitoterapia*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

BALBACH, A. *A flora nacional na medicina doméstica*. 17. ed. São Paulo: EDEL, 1980.V2.

FERRI, P. H. Química de produtos naturais: métodos gerais. In: DI STASI, L. C. (Org.). *Plantas medicinais: arte e ciência*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 129 - 156.

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002.

OECD - Organisation for Economic Co-operation and Development. Guideline 423: Acute Oral Toxicity: acute toxic class method. 1996.

SIQUEIRA, J. C. *Plantas medicinais: identificação e uso das espécies dos cerrados*. São Paulo, 40 p, 1988.

¹ Mestranda(o)/Faculdade de Farmácia/UFG, laxor@bol.com.br, alexpsfar@hotmail.com

² Docente/Faculdade de Farmácia/UFG, lccunha@farmacia.ufg.br, marizecv@farmacia.ufg.br, jrealino@farmacia.ufg.br

³ Docente/Curso de Farmácia/UEG e Doutoranda/Instituto de Ciências Biológicas/UFG, joelma.paula@ueg.br